REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

Finais triunfais:
um dia denso numa crônica de Nelson Rodrigues

Triumphic finals:
a dense day in a text by Nelson Rodrigues

Adriano de Paula Rabelo[1]

Resumo: Uma crônica de Nelson Rodrigues descreve um dia denso e também tenso num lar brasileiro por ocasião da final da Copa do Mundo de futebol de 1958, a primeira vencida pelo Brasil e que representou a superação de um trauma nacional. Este artigo trata da importância daquela conquista no imaginário brasileiro, das transformações culturais ocorridas no decorrer dos anos 1950 e do início da superação de um costume típico da sociedade patriarcal no país, além do tema da imbricação de sublime e ridículo na literatura moderna.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues, futebol, traição, mudanças culturais.

No dia 8 de junho de 1970, durante a Copa do Mundo de futebol daquele ano, que seria a terceira vencida pelo Brasil, Nelson Rodrigues publicou uma crônica magistral em sua coluna "Meu personagem da semana", no jornal *O Globo*. Nela estão sintetizadas suas habilidades para a reportagem policial, a narrativa futebolística de tonalidade épica e a dramaticidade teatral temperada de melodrama. Trata-se de "O grande dia de Otacílio e Odete", posteriormente recolhida em livro por Ruy Castro na coletânea *À Sombra das Chuteiras Imortais* (Companhia das Letras, 1993).

Embora o texto tenha aparecido numa coluna em que o jornalista escrevia sobre futebol, este esporte aparecerá somente na segunda metade da crônica, ainda assim servindo apenas como pano de fundo para o drama do casal Otacílio e Odete. Em realidade, seu grande tema é

[1] Professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, aprabelo@hotmail.com.

o momento de transição, no Brasil, da longa era patriarcal para um tempo de maior emancipação da mulher. Se antes um marido traído se permitia cometer o chamado "homicídio passional" em nome da "legítima defesa da honra", a partir de então um ato dessa natureza tornou-se tão inaceitável que a tese jurídica evocada em defesa do criminoso já estava superada no próprio Código Penal vigente em 1958 e que ainda é válido em nossos dias.

Crônica parábola

Bem à maneira de Nelson Rodrigues, a crônica se inicia com um "nariz de cera"[2] que retarda a abordagem do assunto, ocupando todo o primeiro parágrafo. Numa digressão sobre a voga do crime passional nas primeiras décadas do século XX, sempre associada à honra do marido, o jornalista chega a fazer digressões dentro da digressão, colocando-as entre parênteses: "(Aí está: – voga. Boa palavra. Tem som. Pretendo usá-la mais vezes.)" ou "(Já chego ao futebol. Vocês não perdem por esperar.)" (RODRIGUES: 1993, p. 176).

Outra característica marcante da crônica de Nelson Rodrigues aqui presente, que a torna próxima da parábola, é a narração de histórias exemplares com o fim de enfatizar a mensagem ou transmiti-la por analogia ou comparação. É o que acontece a partir do segundo parágrafo, quando ele contará um caso que ilustra os costumes antigos. Só então ele efetivamente entra no tema da mudança de paradigma na forma de encarar a honra dos maridos traídos, já na parte final do texto, quando exporá o drama de Otacílio e Odete. Este funcionará como outra história exemplar a ilustrar o costume atual.

Talvez se possa mesmo considerar que toda a primeira metade da crônica seja um enorme "nariz de cera", pois o casal anunciado no título aparecerá e terá sua história contada somente na segunda metade. No entanto, a essa altura o leitor estará bastante curioso por saber como foi o seu "grande dia", já que sua entrada foi longamente preparada pelas digressões.

A técnica de Nelson Rodrigues em suas crônicas lembra a de Michel de Montaigne em seus ensaios. Nestes o pensador francês do Renascimento também costumava fazer longas divagações, contando diversas histórias exemplares, citando e comentando autores da Antiguidade, fugindo do assunto ou nem sequer entrando no tema anunciado por alguns de

[2] Preâmbulo de um texto jornalístico, geralmente com impressões pessoais do autor, que foge do assunto anunciado no título.

seus títulos. Obviamente não estou insinuando uma influência de Montaigne sobre Nelson Rodrigues, que provavelmente nunca leu os *Ensaios*. Além disso, no escritor brasileiro, a digressão parece ser mais controlada, levando sempre a um fim previsto desde o início. Trata-se apenas de afinidades eletivas entre dois grandes escritores.

Honra lavada com sangue

Outra característica de Nelson Rodrigues em suas crônicas é uma postura passadista. Em geral, suas grandes referências temporais se localizam nas primeiras décadas do século XX, quando ele viveu sua infância, sua transição para a idade adulta e suas experiências fundamentais como homem feito. Costumes, acontecimentos, personalidades, dramas pessoais, familiares ou que repercutiram na sociedade brasileira da época são evocados frequentemente como parâmetro de comparação com a realidade contemporânea de seus textos, algumas vezes apresentando franco saudosismo e crítica da atualidade, numa espécie de reatualização do mito da idade de ouro.

Em "O grande dia de Otacílio e Odete", um personagem e um acontecimento do passado ocupam grande parte do texto. Ambos são tão exemplares que o escritor se limita a descrever esse personagem e seu comportamento, bem como a narrar a história de que ele é protagonista. Não é necessário nenhum comentário, nenhuma reflexão de pensador ou ensaísta tratando da mudança do paradigma da honra dos maridos traídos na sociedade brasileira. Desta vez, porém, a narração expõe uma realidade do passado sem uma postura saudosista. Trata-se de relembrar uma ocorrência paradigmática da crônica policial da época.

Num registro da imprecisão da memória, o escritor não se lembra exatamente se o que vai contar se passou "em 1920 ou 19" (RODRIGUES: 1993, p. 176). Também não registra o nome do protagonista dos acontecimentos, talvez para salvaguardar a privacidade dos familiares remanescentes do "famoso senador Fulano de Tal" (RODRIGUES: 1993, p. 176). Quem foi ele? O texto nos informa que era "uma cabeça e sua retórica tinha um nível de Rui Barbosa, de Pedro Moacir e outros. Mas onde acabava o grande tribuno começava o marido crudelíssimo" (RODRIGUES: 1993, p. 176). Essas características definem essencialmente esse membro da elite brasileira da época. Era ao mesmo tempo um respeitabilíssimo homem público, reserva moral da nação, e um tirano doméstico, patriarca que humilhava e oprimia a esposa de maneira impiedosa. O acontecimento exemplar pinçado no passado pelo cronista decorre justamente da crueldade desse marido associada à percepção, pela esposa, de que seus

encantos femininos estavam prestes a sucumbir sob a ação do tempo, o que a conduz ao adultério após levar uma surra abjeta.

Uma vez, durante um serão na casa daquele prócere da Primeira República, a propósito de um comentário insignificante feito pela mulher, ele humilhou-a diante dos convidados. Para enorme constrangimento destes, a cena terminou com o berro do senador: "Não diz mais nada ou apanha na boca!" (RODRIGUES: 1993, 177). Em outra ocasião, ele açoitou-a com uma vara de marmelo, ao dar pela falta de um botão na camisa, não permitindo sequer que ela chorasse: "Não chora. Engole o choro." (RODRIGUES: 1993, 177). Esse acontecimento fez com que, para se vingar, ela fosse procurar um antigo namorado ainda apaixonado depois de muitos anos, a quem acabou por se entregar. Ao retornar para casa, o marido lhe informa que sabia da traição e, "com um ódio sem exaltação" (RODRIGUES: 1993, 177), pede-lhe explicações. Recebendo a confirmação de que fora realmente traído, ele inicia o massacre da consorte a bengaladas, desta vez desejando que ela gritasse e chorasse, o que não acontece. Bate-lhe até terminar de matá-la a chutes.

Um dia denso e tenso

Essa história prepara a entrada em cena do casal Otacílio e Odete. Num repentino salto no tempo, o autor informa que estamos em 1957, ano anterior ao da primeira Copa do Mundo vencida pelo Brasil. Na véspera de seu casamento, o jovem Otacílio conta à noiva, Odete, a história do senador tirânico da República Velha, que era seu tio. Diante da perplexidade da moça, afirma ser da mesma têmpera do parente no que tange à traição, avisando-lhe que, se for enganado, fará o mesmo que ele. Numa tentativa de tranquilizar-se antes de dar o passo definitivo do casamento, um ano antes do enlace Otacílio consultou duas cartomantes, obtendo vaticínios contraditórios. Uma dizia que ele seria traído, outra que não seria traído jamais. Casou-se e tudo correu muito bem nos primeiros sete meses.

O auge da felicidade de Otacílio e Odete coincidiu com a Copa do Mundo de 1958, em que a Seleção Brasileira fez uma campanha irrepreensível. O júbilo coletivo se refletia na felicidade do casal, que exultava a cada partida vencida pelo Brasil. Porém, justamente na véspera da grande final, Otacílio recebe a visita inesperada de um velho tio, delegado de polícia e irmão do senador assassino. Toma então conhecimento de que Odete o trai com certo Bulau, amigo da casa. O tio entrega-lhe um revólver que havia pertencido ao senador, exigindo-lhe que mate a esposa. Tremendamente angustiado, em especial por haver tomado conhecimento do adultério logo antes da final da Copa do Mundo, Otacílio decide cometer o

homicídio de honra depois do jogo, ou mesmo durante a partida, se a Suécia estiver encaminhando uma vitória.

Vem o dia seguinte, e o jogo se inicia. A Suécia faz o primeiro gol, o que acirra os brios homicidas de Otacílio. Porém o Brasil empata em seguida, o que faz com que ele se entregue aos beijos e abraços da mulher. Um pouco mais e o Brasil inicia uma goleada. Sua felicidade conjugal atinge o clímax. Tanto que, no quarto gol brasileiro, quando se ouvia o rumor de toda a cidade em celebração, Otacílio toma Odete pelo braço e a conduz até o quintal da casa, onde havia um galinheiro. Faz, então, algo estarrecedor: mata cada uma das galinhas a tiros, joga a arma pelo muro da vizinha, agarra mulher e, aos prantos, faz-lhe uma patética declaração de amor.

Os costumes se transformam

As grandes mudanças culturais e comportamentais ocorridas nos anos 1960 e que carregam toda uma mitologia em torno do ano paradigmático de 1968 obviamente não se deram de súbito e sem preparação. Todas aquelas transformações iniciaram-se ao fim da Segunda Guerra Mundial e já estavam estado embrionário nos anos 1950, em especial em sua segunda metade. Foi um período de grande crescimento econômico, o que liberou muitos jovens da obrigação de entrar no mercado de trabalho, proporcionando-lhes tempo para se dedicar a atividades criativas e compartilhar ideias com gente de sua geração. Em geral tais jovens possuíam uma visão bastante crítica das gerações de seus pais e avós, que haviam desencadeado duas guerras de enormes proporções, em que barbaridades inimagináveis foram cometidas. Justamente na década de 1950 a Guerra Fria entre os blocos capitalista e comunista se intensificava. Pela primeira vez a humanidade passava a ter consciência de que podia ser completamente destruída em caso de um conflito atômico entre os Estados Unidos e a então União Soviética. Tal consciência contribuía para a propagação, em especial entre os jovens, das filosofias que pregam a necessidade de viver o momento presente, pois uma catástrofe mundial poderia estar prestes a acontecer.

O movimento literário conhecido como Geração Beat, depois ampliado para outros âmbitos da cultura e popularizado com o nome de Beatnik, influenciou muito a cultura americana, que por sua vez influenciou bastante a de um país da órbita dos Estados Unidos como o Brasil. Os *beats* se opunham aos valores burgueses, recusavam o materialismo e cultivavam um espiritualismo próximo da religiosidade do Oriente e dos nativos americanos, realizavam experiências com drogas alucinógenas, viajavam muito e entravam em contato

com realidades diversas, tendo sido pioneiros na liberação sexual que marcaria a década seguinte.

O cinema norte-americano vivia então o seu auge, fornecendo entretenimento e sendo a grande forja de mitos de um tempo que se recuperava hecatombe da Segunda Guerra Mundial. Em grande medida, exibia-se um estilo de vida moderno e urbano capitaneado por jovens bonitos e carismáticos. Atores como James Dean e Marlon Brando encarnavam o "rebelde sem causa", usando jaquetas de couro, roupas básicas e surradas, cabelos desalinhados e exibindo um jeito *blasé*. Atrizes como Rita Hayworth e Ava Gardner não somente interpretavam mulheres liberadas como tinham uma vida privada cheia de peripécias amorosas de grande repercussão. Comportar-se como esses atores e atrizes passou a ser sinônimo de liberdade e modernidade.

A moda começa a se tornar mais leve, mais colorida e mais informal. Tecidos mais confortáveis e estampados são introduzidos tanto nas roupas masculinas como nas femininas. Cortes de cabelo e penteados absorvem certo desalinho. Os corpos dos homens tendem a se tornar mais atléticos, e os das mulheres, mais magros.

Na música, já no alvorecer da década de 1950 surgia a mais emblemática manifestação do novo estilo de vida jovem, o *rock and roll*, gênero que misturava elementos do *rhythm and blues*, da música gospel e da música *country*, tematizando o universo juvenil em ritmo acelerado e postura desafiadora dos valores das gerações mais velhas. Obtendo extensiva adesão por parte de rapazes e moças, o *rock* rapidamente se torna um sucesso estrondoso e se espalha pelo mundo, sendo cantado nas mais diversas línguas. No Brasil, no fim da década, surge a bossa nova, estilo que mistura o *soft jazz* americano com o samba, tematizando o estilo de vida da juventude de classe média do Rio de Janeiro, cosmopolita e também identificada com os rumos liberadores no campo dos costumes. Em pouco tempo esse gênero musical também obteria enorme difusão internacional.

A televisão, que havia conhecido uma expansão nos Estados Unidos um pouco antes, chega ao Brasil no início da década. Em pouco tempo ela será um grande sucesso, exibindo nas telas as mudanças culturais por que o mundo passava, sendo também um marco – juntamente com o crescimento das gravadoras e a proliferação das salas de cinema – do nascimento e rápido desenvolvimento da indústria cultural de massas.

Outro fato marcante da década de 1950 é o início da corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética, o que ampliou os horizontes da humanidade ao infinito, fazendo

com que, em todos os quadrantes, houvesse uma tendência à crítica aos valores provincianos e tradições retrógradas.

É nesse contexto que se desenvolve a história de Otacílio e Odete.

Enfim, o futebol

A presença do futebol na crônica, embora fundamental, limita-se aos quatro últimos parágrafos. Além disso, ele está fora de cena, uma vez que se processa bem longe, na Suécia, tendo repercussões na crescente agitação que toma conta da cidade do Rio de Janeiro à proporção que a Seleção Brasileira triunfa a cada partida da Copa do Mundo de 1958, fenômeno que tem o seu zênite no dia 29 de junho, quando ocorreu a grande final.

Para se compreender o enorme impacto da conquista daquela copa na sociedade brasileira, é preciso voltar a 1950. O Brasil sediara o torneio de oito anos antes, construíra o então maior estádio do mundo e se preparara como nunca para ser campeão, o que projetaria internacionalmente o país como capaz de grandes realizações. A Seleção Brasileira era a melhor equipe da competição, o que havia ficado claro no quadrangular final, quando o Brasil derrotou a Suécia por 7x1 e a Espanha por 6x1, enquanto o Uruguai empatou com a Suécia em 2x2 e ganhou da Espanha por 3x2. Estava no ar praticamente uma certeza de que o Brasil, que jogava por um empate para ser campeão, venceria o Uruguai até com certa facilidade. No entanto, as 200 mil pessoas que lotaram o Maracanã, assim como milhões de outras que acompanharam a partida pelo rádio, foram surpreendidas por uma história de Davi e Golias. O Uruguai venceria o jogo por 2x1 e seria o campeão.

Em *16 de Julho de 1950, Brasil x Uruguai: Anatomia de Uma Derrota*, Paulo Perdigão analisa os antecedentes, a desastrosa final daquela Copa e as consequências do fracasso da Seleção Brasileira, tentando entender por que o país se cobriu de luto e melancolia por causa de um jogo de futebol. Para ele, foi

> [...] uma das maiores tragédias coletivas da história contemporânea do país. Um país que se preparara com todas as energias para impor-se como grande nação diante do resto do mundo e acabou fracassando a um passo da glória, como um eterno condenado à exclusão dos degredados. (PERDIGÃO: 2000, p. 21)

Pelé, que tinha nove anos naquele dia e ouviu o jogo pelo rádio, lembra-se da comoção nacional: “Foi uma tristeza tão grande, tão profunda, que parecia ser o final de uma guerra,

com o Brasil perdedor e muita gente morta" (*apud* PERDIGÃO: 2000, p. 48). E o antropólogo Roberto DaMatta afirma que o fracasso de 1950

> [...] é talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil. Primeiro, porque implicou uma coletividade e trouxe uma visão solidária de perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir. (*Apud* PERDIGÃO: 2000, p. 52)

O próprio Nelson Rodrigues tratou muitas vezes daquela derrota mítica em suas crônicas. Para ele, a perda da Copa do Mundo de 1950 foi nossa Hiroxima, uma verdadeira catástrofe nacional que "ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro [...], uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar" (RODRIGUES: 1993, p. 51). Ainda mais grave que essa melancolia crônica seria a cristalização do que Nelson chamava de "complexo de vira-latas", uma excrescência do servilismo colonial brasileiro que consistia em nossos patrícios se colocarem voluntariamente em posição de inferioridade em relação aos estrangeiros, em especial aqueles advindos dos países capitalistas hegemônicos. De modo que o brasileiro "adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo" (RODRIGUES: 1993, p. 30).

Não se pode esquecer ainda que a derrota de 1950 fez vir à tona o racismo mais abominável. Não somente entre o grande público futebol, mas também entre a imprensa especializada, atribuiu-se a culpa do fracasso aos vários jogadores negros da Seleção Brasileira, tomando-se o goleiro Barbosa e o lateral esquerdo Bigode como bodes expiatórios que posteriormente tiveram suas carreiras destruídas. Esta foi, sem dúvida, uma das mais inequívocas manifestações do "complexo de vira-latas" entre nós.

O trauma de oito anos antes ajuda a entender a razão da enorme euforia que tomou conta do país com a campanha vitoriosa na Copa da Suécia. A vitória final sobre os apolíneos suecos, com o negro Pelé aos 17 anos e o mestiço de pernas tortas Garrincha realizando míticas proezas em campo, representava a negação mais absoluta de nosso complexo de inferioridade e nos dava uma noção de nossa capacidade para grandes realizações no plano internacional. Muito especialmente no dia da final, os dramas pessoais dos brasileiros foram colocados em segundo plano diante do destino coletivo que estava sendo literalmente jogado na Europa.

É em confronto com esse momento muito especial da história do Brasil no século XX que se dá o desfecho da história de Otacílio e Odete.

5x2 na Suécia, 0x0 no Brasil

Para usar metáforas futebolísticas, se a história do senador da República Velha pode ser interpretada como uma vitória do machismo na sociedade patriarcal burguesa, o desfecho da história de seu sobrinho Otacílio pode ser considerado um empate em 0x0 no período de transição para os valores contemporâneos.

O Código Penal Brasileiro que vigorou entre 1890 até 1940, em seu artigo 27, excluía a ilicitude de atos cometidos por pessoas "que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime" (BRASIL: 1890, p. 23, ortografia atualizada). Esse era o trecho utilizado por advogados na defesa de maridos homicidas, sob alegação de que no momento do crime eles se encontravam em estado emocional alterado, uma vez que a honra patriarcal seria uma parte essencial da existência do "chefe de família", que podia chegar ao extremo de matar para preservá-la. Durante décadas esse argumento foi considerado como válido, de modo que muitos assassinos de mulheres foram absolvidos por tribunais brasileiros. É o que seguramente aconteceu com o senador da crônica, embora o texto não nos dê essa informação.

Já o atual Código Penal, promulgado em 1940, estabelece em seu artigo 28: "Não se excluem a imputabilidade penal: I – a emoção ou a paixão" (BRASIL: 2017, p. 18). Esse inciso não deixa dúvida sobre a culpabilidade de alguém que agiu movido por ciúme ou outras paixões e emoções. Além disso, o artigo 61, ao listar circunstâncias agravantes para a prática do crime, expõe: "II – ter cometido o crime: a) por motivo fútil ou torpe" (BRASIL: 2017, p. 29). Também não resta dúvida de que assassinar alguém por ciúme constitui motivo fútil e torpe. E o parágrafo segundo alínea A do artigo 121, em parte que trata especificamente do feminicídio, completa: "Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I – violência doméstica e familiar; II – menosprezo ou discriminação à condição de mulher" (BRASIL: 2017, p. 48). Diante desses fatos e agravantes, a pena para o marido assassino pode chegar a 30 anos de reclusão.

A promulgação do atual Código Penal se deu num momento em que muitas mudanças se processavam no Brasil. A Segunda Guerra Mundial se desenvolvia na Europa, com enormes repercussões por aqui. O país passava por um momento de grande crescimento das cidades e industrialização. Paralelamente à modernização das estruturas econômicas, ocorria também uma transformação no campo dos costumes. Assim, nada mais natural que o Código

Penal fosse reescrito e atualizado. E que nas décadas seguintes sua redação fosse reatualizada por decretos-leis sobre pontos específicos.

Sobrinho do senador homicida, membro de uma família patriarcal dos velhos tempos, Otacílio vive o seu drama conjugal já num tempo em que o Brasil havia mudado bastante e outros valores regiam as relações conjugais. Por suas origens, em parte ele pertencia ao mundo antigo. Tanto que, na véspera da final da Copa de 1958, recebe a visita do velho tio que encarna os valores patriarcais burgueses de outrora. Esse ancião que chega inesperadamente a sua casa como um emissário de uma época perdida no passado entrega-lhe um revólver e exige que o sobrinho mate a esposa, sob pena de cuspir-lhe na cara. Contudo, Otacílio já se criou e se educou num Brasil diferente, na então capital do país, uma cidade moderna, cosmopolita, litorânea, aberta ao mundo. Exatamente no dia da final da Copa seu espírito foi tomado por um cabo de guerra entre os valores de sua família e valores da sociedade brasileira contemporânea. O que decidiu seu destino – e o de Odete – foi a partida de futebol realizada em Estocolmo naquele dia.

A vitória do Brasil por 5x2 sobre a Suécia não somente resgatou a autoestima brasileira depois do trauma de 1950, como evitou uma catástrofe no lar do jovem casal, que foi envolvido pelo clima de alegria que tomou conta do país. Porém o espírito de Otacílio estava sobrecarregado por uma vergonha suprema, e ele precisava encontrar um bode expiatório para dar vazão ao instinto assassino dos homens de seu clã. De modo que ao final triunfal do jogo na Suécia seguiu-se o final triunfal do drama de Otacílio e Odete, quando ele a conduz até o terreiro para vê-lo atirar em uma por uma das galinhas da casa, aplacando sua sede de sangue, livrando-se da arma e lançando-se melodramaticamente, aos soluços, sobre a esposa atônita, com a declaração definitiva: “Eu te amo, eu te amo, eu te amo!” (RODRIGUES: 1993, 179). Um desfecho típico de Nelson Rodrigues, marcado por um misto do trágico, do melodramático e do cômico.

Pode-se dizer que, no jogo da vida, para Otacílio e Odete resultado foi um providencial 0x0, sem vencedor nem vencido, que lhes permitiria ajustar as contas com o passado, o presente e seu destino como casal. Seus próprios nomes iniciados em “O” parecem aludir a esse placar. A propósito, como os nomes dos personagens de Nelson Rodrigues são sempre muito significativos, vale pensar sobre como as figuras mencionadas no texto se chamam.

Otacílio e Odete são nomes que tiveram certa popularidade no passado, mas que já no fim da década de 1950 estavam fora de moda. O próprio cronista menciona isso de passagem numa de suas digressões. Certamente nascidos nos anos 1920, seus nomes são marcas da

época e dos valores que contrastam com aqueles em voga em 1958, contraste em torno do qual a crônica se constrói.

O senador da Primeira República, assim como seu irmão, que aparece na casa de Otacílio para exigir o crime de honra, não tem seus nomes mencionados. Em vez de indivíduos, são tipos que representam figuras comuns da oligarquia brasileira das primeiras décadas do século XX. Também a esposa do senador e seu ex-namorado não são individualizados por seus nomes, aparecendo brevemente no texto como arquétipos da mulher oprimida no casamento e seu amante. Do mesmo modo, há uma alusão a duas cartomantes que emitem vaticínios contraditórios sobre o comportamento de Odete na vida de casada, não se fazendo referência a seus nomes, pois são também apenas tipos simplificados ao extremo.

Por fim, menciona-se também o nome do amante de Odete: Bulau, um amigo de Otacílio que costumava acompanhar as partidas de futebol com o casal. Apelido de conotações populares que evoca certo ridículo, parece refletir o próprio ridículo da situação em que Bulau se encontra.

Sublime x ridículo

Por falar em ridículo, a densidade e a tensão do grande dia de Otacílio e Odete se devem ao paroxismo de sublime e ridículo em que se viram envolvidos no dia da final da Copa de 1958. Algumas vezes sublime e ridículo chegam a estar imbricados, pois, como costumava dizer Napoleão Bonaparte, em aforismo célebre, "do sublime ao ridículo não há mais que um passo".

O senador da República Velha, que no espaço público exercitava uma excelsa retórica ao nível de Rui Barbosa e Pedro Moacir, no espaço privado de sua casa tratava a esposa com uma grande violência física cujo prelúdio eram insultos extremamente vulgares. Depois de inúmeros abusos, assassinou-a de forma grotesca, com bengaladas e pontapés, em nome do egrégio valor da preservação de sua honra de patriarca. É em nome desse mesmo valor que seu irmão, quase 40 anos depois, se apresenta diante de Otacílio, exigindo que o sobrinho cometa o mesmo ato hediondo sob pena de grotescamente cuspir-lhe na cara.

Na véspera de seu casamento, depois de contar a história do tio, Otacílio faz uma elevada declaração de amor a Odete, mas avisa-a de que se o trair repetirá o gesto abominável de seu antepassado, matando-a. A notável felicidade de seu primeiro ano de casamento, quando ele se gabava de que sua lua de mel não acabaria, é subitamente rebaixada ao sentimento de náusea quando, na véspera da final da Copa, toma conhecimento de que a

esposa o trai com um reles Bulau. Enquanto na inesquecível partida de futebol disputada na Suécia a Seleção Brasileira tinha um desempenho magnífico, curando as feridas da nação, no lar de Otacílio e Odete desenvolvia-se um embate rebaixado entre amor e ódio, vida e morte. Foi prosaicamente "tomando sopa" (RODRIGUES: 1993, p. 179) que Otacílio decidiu que mataria Odete no dia seguinte. Porém, embora atormentado pelo ciúme, "pensava mais no título do que no adultério" (RODRIGUES: 1993, p. 179). Por fim, seu projeto assassino, que teria sérias repercussões em sua vida, acaba sendo abortado pelo êxito futebolístico da Seleção Brasileira. No entanto, sua pulsão homicida necessitava de uma sublimação. Esta se realiza de forma torpe, através dos tiros que desfere contra as galinhas, no quintal da casa. Talvez venha a receber de seu tio a prometida cusparada na cara, mas, em expectativa pelo sublime, tentará salvaguardar sua felicidade conjugal. Sua declaração de amor final, que normalmente estaria carregada de lirismo, só expõe a enorme fragilidade psicológica de um marido que "agarra a mulher e soluça" desesperadamente o clássico "eu te amo" três vezes seguidas (RODRIGUES: 1993, p. 179). Porém, mesmo nessa descida aos infernos ele resvala pelo sublime ao conceder o perdão e recusar-se a repetir a atrocidade de seu tio.

Para além dos acontecimentos relatados na crônica, pode-se pensar também no jogo entre sublime e ridículo como algo marcadamente moderno. No prefácio a sua peça *Cromwell*, Victor Hugo desenvolve toda uma teoria acerca do desenvolvimento da literatura, que teria sido marcada por três grandes formas – a ode, a epopeia e o drama – correspondentes a três idades pelas quais a humanidade teria passado:

> Os tempos primitivos são líricos, os tempos antigos são épicos, os tempos modernos são dramáticos. A ode canta a eternidade, a epopeia soleniza a história, o drama pinta a vida. O caráter da primeira poesia é a ingenuidade, o caráter da segunda é a simplicidade, o caráter da terceira, a verdade. O rapsodos marcam a transição dos poetas líricos aos poetas épicos, como os romancistas, dos poetas épicos aos poetas dramáticos. Os historiadores nascem com a segunda época; os cronistas e os críticos com a terceira. As personagens da ode são colossos: Adão, Atreu, Orestes; os do drama são homens: Hamlet, Macbeth, Otelo. A ode vive do ideal, a epopeia do grandioso, o drama do real. Enfim, esta tripla poesia de três grandes fontes: a Bíblia, Homero, Shakespeare. (HUGO: 2002, pp. 40-1)

Ao tratar dos tempos modernos na literatura, que seriam "dramáticos", o escritor francês assevera que eles se caracterizam essencialmente pela "fecunda união do tipo grotesco com o tipo sublime" (HUGO: 2002, p. 28). Um personagem do próprio Victor Hugo seria a melhor representação disso. Trata-se de Quasímodo, o protagonista de seu romance *Nossa Senhora da Paris*, publicado em 1831, quatro anos depois de *Cromwell*. Sineiro da catedral de Notre-

Dame durante a Idade Média tardia, Quasímodo é muito feio e disforme, praticamente não consegue articular a linguagem verbal, enxerga mal, manca e é corcunda. Ficou surdo por causa do altíssimo barulho dos sinos que toca várias vezes ao dia, durante muitos anos. É desprezado por todos os cidadãos de Paris devido a sua aparência grotesca. No entanto, possui uma alma sublime, sendo muito fiel e dedicado a Claude Frollo, arquidiácono que o adotou quando ele foi abandonado na porta da catedral, aos quatro anos. Mesmo apaixonado pela cigana Esmeralda, tal como seu pai adotivo, nobremente resgata-a do patíbulo, quando estava prestes a ser enforcada, a fim de entregá-la ao capitão Phoebus de Châteaupers, a quem ela amava. Portanto, Quasímodo é a melhor encarnação da síntese entre sublime e grotesco tal como teorizada por seu criador.

Embora a teoria de Victor Hugo, tal como apresentada no prefácio a *Cromwell*, tenha funcionado como um verdadeiro manifesto do movimento romântico, creio que ela ainda é válida para tratar da imbricação entre sublime e grotesco (ou ridículo) hoje, pois a personagem e grande parte da temática romântica têm desenvolvido uma longa trajetória, que chega aos nossos dias, multiplicando-se em variadas personalidades e variadas formas.

De fato, a história contada por Nelson Rodrigues apresenta diversos aspectos do "dramático" no sentido amplo de Victor Hugo. Se havia na família de Otacílio um tradicional código de honra que exigia dos maridos o assassinato das esposas infiéis, o que funcionava quase como um decreto do destino e aproximava seus membros do universo trágico, ao renunciar a lavar sua honra com sangue – ao menos o sangue da esposa –, ele faz sua própria escolha e se mostra, como se viu acima, uma figura marcada por uma união inextrincável entre o sublime e o ridículo. A situação em que ele se vê envolvido de repente, na véspera da final da Copa de 1958, envolve sofrimento e aflição, porém de forma rebaixada, sem o desígnio de uma fatalidade inexorável. Aliás, seu sofrimento e sua aflição se resolvem em meio à felicidade nacional proporcionada pelo título mundial e no sublime-ridículo perdão que concede a Odete.

Finais triunfais e um tema para debate

Do que é contado na crônica, apenas na Suécia ocorre algo puramente grandioso, algo da natureza do épico. O próprio Nelson Rodrigues foi o grande exaltador das proezas da Seleção Brasileira em suas crônicas de futebol. A partida final da Copa do Mundo de 1958 terminou triunfalmente com o Brasil aplicando uma goleada de 5x2 sobre o país sede e com a redenção do evento catastrófico ocorrido em 1950.

Mas pode-se dizer que no lar de Otacílio e Odete houve também um final triunfal, na medida em que sepultou-se um costume bárbaro legado pela tradição patriarcal e impelido pelo machismo explícito da sociedade brasileira. Triunfaram os valores da vida e da integridade das pessoas já num tempo de vigência de outros parâmetros legais.

É verdade que na vida real o Brasil segue, ainda hoje, como um dos campeões mundiais de feminicídio, e não há novas glórias mundiais no futebol nem novas formas de júbilo nacional que eliminem essa abominação de nossa cultura. Só podemos fazê-lo através do debate sobre o tema e da promoção dos valores humanísticos. Uma das funções da literatura, conforme Antonio Candido (2004, p. 176), é ser "uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente". Embora seguramente Nelson Rodrigues não tenha tido intenção de escrever um texto contra o chamado "crime de honra", sua crônica contribui para o debate sobre esse tema e nos faz sonhar com resoluções mais inteligentes para nossos problemas.

Abstract: A text published by Nelson Rodrigues in his football newspaper column describes a dense and tense day in a Brazilian home around the final match of the World Cup in 1958, the first one won by Brazil. Becoming world champions was also the overcoming of a national trauma. This article approaches that prowess's importance in Brazilian imaginary, the cultural transformations that took place in the 1950s and the undermining of a typical custom of patriarchal society in this country. It discusses how sublime and ridiculous compose the basis of modern literature.

Keywords: Nelson Rodrigues, football, cheating, cultural changes.

Referências

BRASIL. *Código Penal: Decreto N°. 847, de 11 de outubro de 1890*. Rio de Janeiro: Ministério dos Negócios da Justiça, 1890.

BRASIL. Código Penal: Decreto-Lei *N°*. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades/Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, pp. 169-191.

FINDER, Henry (Editor). *The 50's*: The Story of a Decade. New York: Modern Library, 2016.

HUGO, Victor. *Do Grotesco ao Sublime*: Tradução do Prefácio a Cromwell. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. São Paulo: Editora 34, 2016.

PERDIGÃO, Paulo. *16 de Julho de 1950, Brasil x Uruguai*: Anatomia de Uma Derrota. Porto Alegre: L&PM, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958*: O Ano que Não Devia Terminar. Rio de Janeiro: Record, 1997.